DAR PASSAGEM À AUSÊNCIA

TATIANA LEINER

Porque hoje eu vou fazer, ao meu jeito eu vou fazer, um samba sobre o infinito.
Paulinho da Viola

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação "Gestos de Escrita como prática de risco" apresentado à Faculdade Facon — Polo Casa Tombada
Rio de Janeiro - 2022

Título: Dar Passagem à Ausência

Autora: Tatiana Leiner

TCC: Pós-graduação "Gestos de escrita como prática de risco"

Resumo: TCC, Trabalho de conclusão do curso "Gestos de Escrita como Práticas de Risco", onde a conclusão aponta ao começo. Ao acolhimento e inspiração das aulas, leituras e trocas vividas durante os dois anos da pós-graduação. Ao experimento do processo-escrita do afeto e do corpo, semeado pelo assombro das palavras de Marguerite Duras em "Escrever" e pela presença da ausência de minha avó. Escrever a partir dos vestígios. Parir o gesto atravessada pela potência avassaladora da onça, dando vida a alquimia da escrita. Ser-poeta.

Palavras-chave: escrita, gesto, rastro, avó, risco, escrever, onça, inventário, corpo, processo, ausência, presença, sublime.

Índice

L'Once.....5

Prólogo.....6

Fragmentos.....8

Poéticas Tombadas.....14

Presságios.....18

Origens.....18

Agradecimentos.....19

Inspirações de Vestígios.....20

Andrea.....21

O livro ganha um lugar. O lugar para que a palavra pouse. Um volume no espaço. Uma materialidade. Ao abrir a página, você inaugura o tempo.
- Edith Derdyk

L'Once

Paetês. Linhas e agulhas. Lantejoulas. Caixas coloridas com arames e alicates. Tesouras perdidas em armários no meio do corredor. Pé de máquina de costura vaso de planta. Samambaias. Comida de passarinho. Regador de plástico amarelo. Suportes de plantas em A, ferro, cobre, cor. Dentro do baú, vestidos antigos de baile em tule de cinderela. Mangas compridas em túnicas bordadas de dourado. Mágica. Atrás da escada, caixas de sapatos empilhadas, saltos, cobras, flores, bordados. Aparelhos de jantar. Guardanapos de tecido. Lanceta. Malas de viagem. Veludo. Fantasia de palhaço na avenida. Longas noites. Baralho ancestral. (Amor)

De mãos dadas com as sacerdotisas que me precedem, entro nesse instante suspenso no ar. O corpo estremece, espreguiça e enrijece. Depois dela, honro suas unhas vermelhas e seus dentes quebrados por falar o que não pode ser dito - em voz alta.

Nascemos para morrer um pouco a cada dia. Nesse instante só corpo, vibro cada uma das minhas células em eterno trabalho de parto. A gente nasce morre um pouco a cada centésimo de milésimo de fração de um tempo incessante - que grita. Escrever é adiar a morte. Vivenciar até lambuzar-se do esvair-se e sentir o corpo sair. De mãos dadas com as mulheres que me inscrevem. Escrevem.

Para que se escreve, por que vim? Soltar, soltar, soltar...saltar. Ali, depois de muitos ensaios de textos soluçados que não serão transcritos ao papel, as letras dançam. Embaralhar a visão para soltar o ego. Saltar – o que não pode e não deve ser dito.

As lágrimas vêm. Se não sei do que digo, as mulheres sabem.

Nasci para andar. Somos onças, vó.

Sonhei com três onças. Elas eram eu. E eu era elas. Deitadas ao sol da cachoeira. Tranquilas. Imersas. Fundidas as pedras. Três onças. Três partes de mim. As pedras. As águas. As pintas. As onças. Eu.

Adoro te ter em mim através dela. Em pintas, camuflados, que nos unem no momento presente por esse fio invisível que a si conduz. Você me perguntou, e depois? Me disse: não precisa ficar com medo. E voltamos sempre aqui, a essa casa, para sermos sós, livres do mundo, despidas dos papéis. Escolhi acreditar que seguimos.

Prólogo

A vida emana sinais. Talvez de Deus, essa figura feminina que germina a terra, talvez do destino, com seus abraços rumo ao final. Não importa, renda-se aos mistérios. Minha escrita vem de sopros de lugares que desconheço. Terras que sonhei. Em corpo, em mim, em vida. Escrever é qualquer coisa de mágica. Se acaso durante a leitura sentir um som a cutucar o calcanhar, aceite, é um convite a dança. Às vezes um bolero sofrido, longo, de ternura fria. Ou um tango quente à faca propondo uma canção de ninar touro valente.

Este TCC acolhe o vir a ser corporificado em letras, espaços e sons. Emerge da vontade de unir o deslumbramento da leitura do livro "*Escrever*", de Marguerite Duras, bordado em grifos profundos perfurados em meu corpo, aos vestígios recolhidos, reunidos e alinhavados durante a travessia do curso de pós-graduação "Gestos de Escrita como Prática de Risco" na Casa Tombada[1], via Casa Nuvem. Em setembro de 2020, corpos pandêmicos vibrantes encontravam-se reunidos em telas para a aula inaugural do "Gestos de Escrita". Angela Castelo Branco, coordenadora do curso, leu pela primeira vez as epígrafes ao grupo, ainda disperso e distante, em um gesto que se repetiria ao longo da travessia até o coletivo dissonante se autoproclamar *bando* (segundo o dicionário: tropa indisciplinada, rancho, partido, ajuntamento de aves ou animais, junção de pessoas para fins comuns).

Ao longo da caminhada, Angela e Mariana Galender, coordenadoras da Pós, transfomaram-nos em um micélio*[2]; rede de troca, alimentação e sustento de uns aos outros. Compartilhamos do íntimo antes das banalidades, em aulas poemas 3X4 em movimento. Estar e ser levada por Jorge, Llansol, Deligny, Edith e Barthes; entre outros autores e professores inspiração, derivou num inventário de palavras flutuantes que compôe a costura desta escrita-processo. São as singularidades que dão passagem à ausência. A escrita do corpo antecede a razão, instaurando o começo.

Este TCC oferenda uma coleção de sonhos, vivências, família, afetos. De mãos dadas com minha avó, risco. O gesto é de carnavalizar, permitindo a vazão do que até então encontrava-se contido. Reunir. Coletar. Reinventar. Sustentar. Ressuscitar. Sublinhar. Sublimar. Remar. Marear. Bordar.

Pulsa o desejo de escrever com minha avó, e não sobre. Escrever a Andrea, e não dela. Este TCC não se revelará em uma carta, nem biografia. Não é lembrança ou memória. Sentir sua ausência na presença é o que conduz o barco. Gesto. Só há passagem porque floresço forrada da beleza dos regadores de plástico, desejos contidos, de apego facilmente doado em cores, louças, colares, tecidos, alpiste, cristaleiras, poltronas de teatro. O desafio é tecer o ritmo. Encontrar a trama que dará fruto.

---

[1] Lugar de Arte, Cultura e Educação, que oferta formações a partir de linguagens artísticas.

[2] Micélio é a parte vegetativa de um fungo ou colônia bacteriana, que consiste de uma massa de ramificação formada por um conjunto de hifas emaranhadas. É responsável por carregar nutrientes até onde o fungo necessita e faz processos de simbiose com algumas espécies.

Quais os rastros de minha avó contidos neste gesto? Que escrita permeia o afeto destes corpos? O que diz a onça da pergunta essencial sobre a angústia da existência, a partir de onde escrevo.

(*Quando se permite que o acaso guie o caminho, ele é cirúrgico.)*

Vamos caminhar juntos. Nós e a solidão da obra.

"*A mesma situação pode ainda ser assim descrita: o escritor jamais lê sua obra. Esta é, para ele, o ilegível, um segredo, em face do qual não permanece. Um segredo, porque está separado dele. Essa impossibilidade de não ler não é, porém, um movimento puramente negativo; é, antes, a única abordagem real que o autor poderá ter do que chamamos a obra. O abrupto Noli me legere faz surgir, onde não existe ainda senão um livro, já o horizonte de uma outra potência, de uma força diversa. Experiência fugidia, ainda que imediata. Não é a força de uma interdição, é - através do jogo e do sentido das palavras - a afirmação insistente, rude e pungente, de que o que aí está, na presença global de um texto definitivo, todavia se recusa, é o vazio rude e mordente da recusa; ou então exclui, com a autoridade da indiferença, aquele que, tendo-o escrito, quer ainda reavê-lo de novo pela leitura. A impossibilidade de ler é essa descoberta de que agora, no espaço aberto da criação, já não há mais lugar para a criação - e, para o escritor, nenhuma possibilidade senão a de escrever sempre essa obra.*"

Maurice Blanchot - O Espaço Literário (1955, página 14)

Não podemos escrever sem a força do corpo. É preciso ser mais forte que si mesmo para abordar a escrita. É preciso ser mais forte que aquilo que se escreve. – Marguerite Duras

Fragmentos

Navegue livre por entre as linhas sem distinção entre passado, presente e futuro. No espaço-tempo entre nós agora estabelecido, a linguagem caminha a serviço de um novo estado das coisas. Se por acaso perder-se, persiga o caminho, é ali que vais encontrar o que nem sabes ainda que buscas.

Ao reencontrar minha avó, reverencio as ancestralidades que nos precedem. Ofereço as mãos livres abertas em sulcos. No tempo sagrado incessante do verbo, "*os versos não são sentimentos, são experiências. Para escrever um único verso, é preciso ter visto muitas cidades, muitos homens e coisas...'. Rilke não quer dizer, entretanto, que o verso seria a expressão de uma personalidade rica, capaz de viver e ter vivido. As lembranças são necessárias, mas para serem esquecidas, para que nesse esquecimento, no silêncio de uma profunda metamorfose, nasça finalmente uma palavra, a primeira palavra de um verso*[3]". Antes de germinar a palavra, será preciso morrer e nascer de novo.

Andrea e sua rotação única a atravessar os corpos. A tesoura para sempre perdida em algum lugar da casa, a linha ao encostar na agulha, caixas de acrílico e latas de biscoito recheadas de arames, canutilhos, sianinhas, rendas, retalhos, carretéis vazios, alfinetes, fitas métricas, alicates, miçangas, paetês e botões de todos os tipos, cores e tamanhos. Das revistas de moldes que se desdobravam em papéis a perder de vista às perguntas sobre quantos metros e alturas. Tecidos, bolsas e retalhos vestidos na máquina de costura inquieta e as mãos, a tirar e botar o anel. Eles enfaixaram suas mãos, para não puxar os fios. Não aguentou e voou.

Por alguns meses, Andrea morou entre nós e o abismo. Sabe o que é a pessoa que você mais ama te pedir para morrer? Depois te perguntar, como quem nada diz, como vai ser. Instante suspenso. Amor entranhado em cada célula, silêncios, memória. Dias que só queria te ligar para ouvir: "fala", em um eco invisível dos que partiram. Novos silêncios. Elevadores. Mato alto. Caixão. Um bêbado a cantarolar na missa que você nunca quis.

Esvaziar a razão e entregar-se ao ballet dos desencontros. Render-se. Dar. Comungar-se. Seu corpo inteiro pós-parto de novo. Cosmogonia. Gozar a angústia. A insustentável leveza de sucumbir.

---

[3] Maurice Blanchot - O Espaço Literário (1955, página 89)

O regador amarelo pousado na varanda onde abri o queixo em um banho de mangueira. Onde assisti ao bordado e tricô, e ele acompanhando tudo. Lá, onde morava a coleção de sapatos atrás da cortina que namorei um dia. Onde aprendi a colocar talheres e guardanapos em almoços de baile. Em casa, onde sonho nossos encontros. Mãos dadas, bocas cantando Ney em Cartola, olhares cúmplices, pés dançarinos. Palco, agulhas, novelos, Theatro Municipal. Não há dia que pese. Minha confidente, melhor amiga, musa inspiradora de carnaval. Cordão umbilical estendido a falta de rigor, ao belo, inútil, devaneio, mistério, arte do encantado. Parte do que também sou e não (re)conheço.

Estranheza de gente grande. Boniteza de criança. Assombra-ação. Entidade. Borda. Exu. Shiva. Vão.

Escrever sobre o processo de inscrever-se. Dar a ver. Espaço astral na caixa torácica. Cuspir, não sem antes deglutir, mastigar, salivar, aquecer. Esquecer-se. Deixar-se ao lado. Lateralizar. Montar a galope e correr. Sentir o vento que balança nas bochechas. Insuportáveis. Escrever para adornar os dedos. Adorar-se. Escrita de si. Em fuga. Voltar o mesmo nos olhos de outro. Deglutir o texto a lixar as impurezas e a cárie nas laterais. Tirar a terra que vem junto até encontrar o que realmente deve ser dito. Hiato a ecoar na leitura alta. Assim como a massa do pão, o texto deve descansar para que as leveduras atuem. A fermentação se dará sem o contato do autor, no afastamento do eu deslocado de sentido. Escrever é da ordem do sublime. É preciso espantar-se com o que muito já se conhece.

No final de semana do ensaio do coral do colégio, em que a não batizada cantaria na missa em latim, fiquei com minha avó. Meus pais e irmã viajaram. Se eu fechar os olhos, estou agora na casa da Aninha em Copacabana, rodeada de adultos falando alto e grandes copos de bebida na mão. Sentada à mesa da sala de jantar com cartas. Parecia divertido ter uma criança na mesa para jogar com eles. Andrea sempre teve muitos amigos. Dona Ruth, Emília, o grupo do teatro, as assistentes sociais da Comlurb, os garis, Neemias e Agatha, Valter e Jô, Maria Helena e mais uma fauna de pessoas e nomes que orbitavam um universo particular de chegadas e partidas. Aninha era mineira, mais jovem que minha avó, e tinha longos cabelos morenos cacheados. Ria alto e em algum momento me levou para dormir. No dia seguinte, atrasamos para o ensaio final na capela com o quarteto de cordas. Andrea e seus constantes atrasos. Cabe aos avós a transgressão, aos pais, resta a ordem.

Uma voz abaixo do esôfago grita.

A língua sai em chicote, fere, espanca.

Minha menina educada quer segurá-la.

Língua que morde envolve a caneta.

Por que há o desejo de conter os gestos?

Marguerite sussurra: "*a escrita é selvagem*". Galopa, irrompe, troveja. Agarra nos dedos e desenha um mundo de espelhos de cabeça pra baixo, distorcendo a língua até tropeçar e indicar o caminho. Escrever esconde mais do que revela. Entrelinhas, signo não fonema, penumbra, corpo, tesão. Ser mais do que se é. Imaginar-se. Escrever a partir do que os órgãos produzem enquanto se lê o jornal, sente o sabor da água, alimenta a criança. Textos curtidos ao sol. Amaciados com barbante. Cortados em fatias a servir de jantar. Grandes mesas de almoço a devorar os livros da infância. Viver com os poros expostos requer cuidado e dieta meticulosa. Vem Vó, tocou o terceiro sinal e já vai abrir a cortina.

(A relação que temos com nossos avós é totalmente diferente da relação entre mãe e filho.)

Andrea teve a sorte de envelhecer tendo sido a filha da minha mãe. A coragem de assistir a uma entrega delirante e lenta, sem dor. O sorriso apesar de chegar de viagem e minha avó ter mudado todos os móveis, toalhas, panelas e roupas sujas de lugar. Mesmo tendo proibido meu avô de ir a nossa casa; como se minha mãe tivesse que partilhar das traições e ignorâncias daquele homem sem graça. Mesmo tendo sido apaixonada por ele até o final. Mesmo com o afeto torto, enviesado, que reconheceu meu pai como um homem magnífico já na cama do hospital. Mesmo com o olhar por vezes perdido e o brilho do filho artista que não pode ver sangue.
Mesmo quando criança.
Minha avó sempre foi filha da minha mãe.

Escrever a cuspir os gestos que nos habitam desde cedo. Expelir pela ponta dos dedos ou morrer entupida da linguagem que cresce entre a unha do pé e o córtex cerebral. Mora mais gente do que comporto. Volta e meia varro as veias, sai um texto. Dei para parir poemas. Quando não vinga, são enxaquecas, dores de dente, prisão de ventre e mau humor.
Meus filhos durante muito tempo foram poemas.

O silêncio que habita o lugar que precede a escrita é composto de som. Carrego durante dias textos inacabados que se perdem no caminho. São abortos espontâneos de fetos malformados. O corpo sabe o momento de expelir. Vomitar. Deglutir. Ejacular. Meter. Escrever é a sede acumulada no canto da língua, coçando o ouvido. A surdez que ecoa na escrita borra os desenhos e dificulta a leitura. É preciso sonhar em voz alta cada letra formulada que caminha subitamente do lobo temporal[4] para a frente da testa. Assistir inerte ao movimento, ou melhor, estar inerte em movimento. Sangrar a reza.

Minha avó saiu do CTI suplicando por um pão com manteiga. Praguejou o hospital que não lhe dava nada, nem um biscoitinho. Não era de falar muito. Preferia observar e estar rodeada de gente. Era péssima em brincadeiras infantis e tinha sua ética particular. Sabia a vida de todas as enfermeiras, fisioterapeutas e caixas de mercado. Vivia rodeada de santos e idas ao

[4] Lobo temporal é a estrutura responsável pelo gerenciamento da memória. Fica localizado na parte lateral do cérebro.

tarot, mapa astral, amuletos, baralho cigano. Cada viagem um mala maior, com caixas que chegaram da Bahia de navio antes dela. Eram muitos embrulhos de coisinhas miudas e bonecas de pano. Durante muito tempo, uma boneca foi o namorado da minha Barbie. Até no universo infantil faltavam hetéros decentes.

No caminho para visitar minha irmã recém-nascida na maternidade, pedi uma tartaruga para levar de presente e ela comprou. Hoje Natalia é bióloga. Também nos deu galochas vermelhas, para usarmos na praia, e um bote gigante com remo, como se crianças de 4 anos fossem atravessar a Lagoa de Araruama por esporte. Depois começou a nos dar dinheiro nos aniversários, sempre em valores iguais para nós duas e meus primos. Andrea gostava de festa. Minha irmã a escolheu como madrinha de batismo aos oito anos, e depois seguiu para a Kinderland, colônia de férias judaica. Nossa familia babel. Quando fui morar sozinha, me deu a geladeira e um Santo Antônio. Morreu no ano que casei. Enquanto eu corria para vê-la em mais uma internação na emergência do hospital, Leandro me ligava para decidir o modelo do vaso sanitário. Com ou sem caminho do cocô, perguntava ele do outro lado do celular. Nos seus delirios da doença, Andrea imaginava como tinha sido a festa, que só aconteceria daqui alguns meses. Em meu apego por seu corpo físico, pedi que ficasse, que esperasse pela cerimônia e os netos. Ignorando o cheiro da morte por todo o quarto, sua voz sussurrava vestido verde. O corpo de minha avó murchava e o tumor crescia. Durante as provas do vestido de noiva, comecei a orar pelo seu descanso. Se todos morrem um dia, porque não nos ensinam a deixar ir? Fomos consumidos por perguntas sem respostas. O homem que maquiou minha avó no caixão tinha mãos delicadas. Quase um ano depois de sua partida, encontro uma amiga: "como sua avó estava linda no seu casamento, de vestido verde". Andrea estava conosco, mesmo sem corpo.

Seus colares e pulseiras eram grandes e coloridos. Nunca foi discreta. Incentivou meu tio a desenhar e minha mãe a ser livre. Foi onça. Vintage. Vanguarda. Traída. Desquitada. Mulher. O ócio do ofício não nos coube. Muito menos a profissão, sinônimo de função prática e útil. Vontade de ser leve, exagerado, vazado, exuberante. A quem serve um amontoado de versos em livros espalhados aos milhares em estantes e prateleiras? Quem poderia escrever além de Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Nelson Rodrigues e Manoel de Barros? Desejo de habitar arvore, biblioteca, arbusto. Germinar palavras loucas e sem sentido. Emocionar formiga. Devir besouro em busca da luz. Escrever. Ser gesto ainda que tarde. Riscar as paredes em busca das perguntas. Porque não nos ensinam a morrer desde que se nasce?

Andrea coletava mudas de plantas no caminho. Fez meu pai carregar um cacho inteiro de banana nas costas suando a pé na estrada de terra que ia da casa do meu tio até o nosso carro. Talvez as bananas nunca tenham ficado maduras. As plantas nem sempre dariam frutos. Lembro que era comum a falta do seu senso prático e deslumbramento poético quase abusivo a quem estivesse a mão. Familiares, e nem tão familiares assim, seriam de

repente convocados a arrastar um móvel de lugar, consertar uma televisão ou trocar uma lâmpada. Podia ser vista na carona do caminhão de lixo ou no Grêmio Recreativo Escola de Samba Estácio de Sá. Ótima em se fazer de surda e um pesadelo na cozinha. Quando quero ter sorte, visto seu par de brincos.

Minha avó escreveu com agulhas, samambaias, canutilhos e sianinhas. Meu tio[5] escreve a tinta, mármore, grafite, aço, cactos, dormideiras. Por sorte, meus pais me inscreveram no mundo. Eu transbordo em lápis, cadernos, teclas. Escritas do tempo e do vento, passam hoje por mim.

É para gerar casa que se escreve. Fazer morada. Repetir. Quem escreve não se satisfaz. Precisa catar feijão na língua para que o gosto seque. O saber é uma coleção de punhado de coisas miúdas. São versos esquecidos dentro de gavetas. Fragmentos de memórias bordadas. Retratos de vida inventados revelados em cor. Tudo que meu tio sabe de mim está guardado no mapa astral que ele fez quando nasci. Acho que nunca fomos próximos, a não ser do lado de fora da emergência quando vi a tristeza em seus olhos. Minha avó gostava de massagem nos pés. Minha mãe acende velas. Meu tio não come carne. Meu pai é judeu. Minha irmã não pinta as unhas. Minha tia-avó sabe fazer cassoulet[6]. A mãe da minha bisavó passou a cara a ferro. Meu avô cheirava rapé[7]. São as sutilezas que nos definem. A familia é o que nos têm, mesmo que se negue.

Andrea adorava ser a mãe do artista. Lamber a cria a cada vernissage de manchas coloridas que saltavam nas paredes que eu observava curiosa. Um mundo tão diferente. Meu tio leu o mapa amarelado e disse que as vezes eu teria vontade de largar tudo e que, nesses momentos, eu deveria pesar o meu saturno. São memórias talvez inventadas de um parentesco suspenso que eu construi para mim. Minha escrita jorra da mesma nascente que desenha com os filhos, corta cebola, limpa os armários e faz as camas religiosamente todos os dias de manhã para sobreviver ao emaranhado de poemas acumulado feito cera no ouvido. É preciso ser onça para vagar no mundo.

"*Diz Rilke, num texto escrito em francês: 'Como surportar, como salvar o visível, senão fazendo dele a linguagem da ausência, do invisível?' O Aberto, é o poema. O espaço onde tudo retorna ao ser profundo, onde existe passagem infinita entre os dois domínios, onde*

---

[5] Nelson Tavares Felix de Oliveira inicia estudos de pintura com Ivan Serpa (1923 - 1973) em 1971. Forma-se em arquitetura em 1977. Dedica-se inicialmente ao desenho e, posteriormente, à escultura. A partir da década de 90, realiza esculturas de mármore com base em órgãos ou aspectos do corpo humano. Em 1994, idealiza as Mesas, esculturas em granito. A editora Cosac Naify publicou, em 1998, o livro *Nelson Felix*, sobre sua obra. Em 2001, lança o livro *Nelson Felix*, com textos de Glória Ferreira, Nelson Brissac e Sonia Salzstein. Em 2005, a editora Pinakotheke publica *Trilogias - conversas entre Nelson Felix e Glória Ferreira 1999-2004*. O livro mais recente, *Berceuse*, foi publicado pela editora Martins Fontes em 2020.

[6] Receita de tradicional feijoada francesa, com feijão branco.

[7] O rapé (do francês râper, "raspar") é o tabaco em pó que serve para cheirar. É o pó extraído das folhas de tabaco que, moído e torrado, serve para inalar.

tudo morre, mas onde a morte é a sábia companheira da vida, onde o pavor é êxtase, onde a celebração se lamenta e a lamentação glorifica, o próprio espaço para o qual 'se precipitam todos os mundos como para a sua realidade mais próxima e mais verdadeira', ..."[8]

Durante os dois anos da pós-graduação "Gestos de Escrita como Práticas de Risco", escrevi poemas signos deste percurso. São poéticas tombadas, resultantes das práticas para dar corpo a letra de quem só escrevia no chuveiro e havia abandonado temporariamente o lápis e o papel. Gesto atravessado ao meu ser-mãe descortinando a vida no olhar deles. Um criança que descobre a si mesmo e seu entorno, encobre uma mulher a (re)inventar oralmente os porquês da existência.

Em março de 2020, um vírus, uma pandemia mundial, uma sacudida. Como transmutar a dor? Foram doze dias em que Leandro esteve internado, em horas intermináveis de espera e entrega. Eu e os meninos radioativos. Abril, maio e junho na suspensão entre o vírus e o furacão que havia nos atravessado. Meu pai teve um AVC também do Covid, no mesmo mês. Minha mente trabalhava para manter os meninos saudáveis, alegres, vivos. Meu corpo chorava escondido na janela do quarto. Pedro tinha nove anos e João quatro. Nunca estivemos sozinhos, mesmo estando sós. Foram muitos a nos segurar em um manto suspenso guiado por Nossa Senhora, a mãe de todas. Era preciso reconstruir-me. Juntar os estilhaços e fazer nova morada deles.

Acredito que este fragmento de escrita-corpo estaria incompleto sem as pegadas fincadas ao longo do caminho. A planta dos pés duros em contato com o chão sentido terra.

Viver é da ordem da crença. Sábio aquele que faz ninho dentro de si.
Ao acordar a fêmea que dormia, incendiaram as mortalhas. Moldaram a palavra.
Cantar a tragédia ao ser-poema.

Andrea gostava de casa cheia. Quando caiu de dois metros de altura e quebrou as vértebras, reaprendeu a andar, a segurar a caneta, a comer de garfo. Tinha uma dormência na mão constante, e dava gritos finos de dor. Tirou uma vesícula e mergulhava a dentadura em um copo com água. Após o cancêr, as sessões de radioterapia lhe deram uma bolsa de colostomia e uma dieta rígida. Gostávamos de ir juntas ao teatro e ao ballet. Vera Holtz e Claudia Abreu em Hamlet, Edson Celulari nu em Calígula, Fernanda Torres e Debora Bloch arrastando um homem morto em cena, Grupo Corpo em cores, Ney Matogrosso canta Cartola no Canecão, Blue Jeans e uma farta distribuição de camisinhas. Ela tinha sempre os melhores conselhos mudos. O que diria hoje?

Talvez, formalmente, poesia e onça habitem mundos distintos.
Em mim, tudo imbricado: a caneta, o papel, a palavra e o sentir.

Anda vó, dancemos.

---

[8] O Espaço Literário – Maurice Blanchot (1955, páginas 152 e 153)

Salva teus dias. Abre tuas janelas. Anda que a vida passa correndo e a gente é só poeira nessa viagem. Quem sabe um dia... Anda vó, que já vais nascer de novo.

Poéticas Tombadas: inventário de poemas casa, prática e risco[9]

Não escolhi escrever

Também não fui escolhida

Escrever não é dom

É praga

Difícil de matar mesmo com os melhores venenos.

Tentei não escrever em mim,

E na busca do estar aqui

Cheguei

Ao nó na garganta

A angústia de estar imersa, solta, no mundo

Do sentir (todas) as coisas como uma lâmina afiando o peito

Uma onça andando em círculos na linha do vento sem sair do lugar

Sustentar a mesma pergunta dói

Caminhar até ela

Tocar o edema de glote e acariciá-lo

Viver do prazer ao limite da repetição

Esvaziar-se

Encontrar contornos

Dar às mãos as angústias

Amansar os gritos que espiralam o corpo

Num vibrar medonho que convive comigo há dias (anos)

A pesquisar nada, nem a si mesma

---

[9] Poemas que escrevi durante e a partir das aulas e leituras do curso de Pós-Gradução "Gestos de Escrita e Práticas de Risco" (setembro de 2020 a setembro de 2022), na Casa Tombada. Poéticas partículas gravitacionais deste processo que orbitam o núcleo central deste TCC, encarnado em onça, gesto de escrita do corpo e dos afetos.

Descansar os ossos da fadiga e tristeza que varre as veias

Reencontrar a criança que impediu de desenhar

Carregar o colo

Estender se a ternura dos filhos

Abraçar-se em reza. Escreverezar.

ESCRITA LADOLADOLADO ESCRITA

ESCREVE ESCREVE ESCREVE ESCREVE (GRITA)

REVELE ÁGUA

RELEVO N'AGUA

LEVE BANANA DAGUA

ABACATE MAMÃO PAPAIA

P A P A I A

PAIA

O DIA EM MIM ESCREVEU SEM

TIDO

ESCREVEU

SEUSENTIDO

NA BOCA

UMA COLHER DE PAU

NA MÃO

UMA LINGUA SOLTA

PAIA SENTIDO ÁGUA.

Covid-19 (22/12/20)
Ali, onde ainda é escuro

Um AVC e eu não pude ir ao seu encontro
Uma grande enxaqueca invadiu a casa
Meu filho ardia em febre
Lavei o banheiro
Energicamente munida de luvas, esponjas e cotonetes a esfregar os cantos
Como se tivesse passado a noite em claro, no samba
Pés exaustos
Acordei com a enxaqueca do filho e a dor de meu pai
Todo corpo
Um marido que ardia em febre
A tosse o engolindo pouco a pouco
Até sumir
E ficamos nós [Eu, Pedro, João e a casa radioativa]

Não sei dizer quantas horas duraram
Nem quantas vezes chorei escondida a mastigar o medo
Sei que havia mãos
E uma força que só quem carrega outro no ventre conhece
São as mulheres e seus úteros
Que giram a Terra em torno do Sol
Fêmeas apaixonadas que levam comida aos filhotes
E vão ensiná-los a caçar
E caçamos [cartas de Pokemon pela casa]
E dançamos alto, gritamos baixo, dormimos juntos
Mesmo sem poder falar, não fomos sugados pela raiva

Nunca existiu você não voltar [casa]
E dançamos, rezamos, rimos, choramos, ficamos
Juntos

Amanheceu com vermes brancos
Dia seguinte
Minhocas sem cabeça rastejando no chão
Tirei pás e mais pás daqueles bichos do chão da cozinha
Até estarmos limpos
E vieram as moscas
Duas noites que insistiram em morar conosco

Os insetos e seus gritos de vida
Um a um
Vencemos a nós mesmos

Fiz 43 anos no dia 05
Meus olhos sem cor na foto de batom vermelho
Não sei quem era, um corpo que vagava ali
O que disse aquela mulher pendurada ao fio
Você, nossos filhos, as famílias
Quanto amor
Você se orgulharia
Nossos meninos tão [vivos]
Fortes
Seus

Em algum lugar, ainda é escuro
Cicatriza
Cicatriz

De dentro pra fora
De um estado de pandemia que se aprofundou de nós
A morte que nos deu à mão e mostrou seus dentes
Ainda não, eu a disse
Me aguarde no armário
Ali, onde ainda é escuro
Me aguarde
E botei as roupas para secar ao sol.

Presságios

Nós, as três onças do meu sonho. Eu, minha mãe e minha avó. Em uma futura geração em que só vieram homens, do meu ventre e da minha irmã. Ancestralidade. De onde bebe a escrita gorjeia um infinito de presenças em que navegamos. Rio. Correntezas de si. Família. Oxum.

Mãe das águas doces de tanto azul, guia essas irmãs que se encontram no espaço astral dos seus braços. Abençoa a jornada dessas mulheres que vem de longe para dentro dos novos homens vindos destes úteros. Bisavó, avó, filhas, netas. Andrea que mira nos olhos de Pedro, Bruno e João; seus bisnetos. Sempre foram poemas, Vó. Hoje são palavras soltas a sonhar os ventos do por vir.

Que eles sejam o presságio de dias mais amenos. Onças nuas. Águas fartas. Rios doces. Mar aberto. Bora trançar as redes e os ritos. Anda Vó, vem ver o raiar do dia.

Origens

Aos meus pais, Maurício e Elizabeth, por serem os melhores guias e companheiros de percurso.
Que sorte a minha.

Ao meu avô Leiner, pelo tempo infinito, o amor próprio e as histórias inventadas de verdades.

A minha avó Dina, por ser o grande amor do meu avô e minha presença sempre ausente.

Ao meu avô Nelson, que nunca esteve, mesmo quando chegou.

A minha tia-avó Virginia, agora bisa Didine, por me ensinar a falar palavrão e enfiar o dedo no bolo.

A minha irmã Natalia, por nos amarmos incondicionalmente.

A minha familia judaica, por ser grande e unida, como o interior do Nordeste.

Ao meu tio Nelsinho, por ser tão diferente dos meus pais.

Ao Leandro, meu amor nessa e outras vidas.

Ao Pedro e João, pequenos grandes homens do por vir.

Agradecimentos

A Casa Tombada, por ser espaço de (re)invenção.

A Angela Castelo Branco, por sua luz, inspiração de mulher gigante e colo.

A Mariana Galender, por seu sorriso aberto, motivado e vibrante.

A Clara, João, Gabi, Isa, Angelica. Um brinde aos nossos vestígios e a sorte deste encontro.

A Pati Piva, Sandra, Elissa, Lili e Vilma, por palavras tão generosas durante o caminhar.

Ao *bando* todo, pelos olhares, trocas e silêncios compartihados. Que alegria pertencer.

A André, por (i)lustrar em paisagem a alma.

A Gloria e Carlos, por sinalizar a estrada e incentivo infinito.

A Anna Luiza, pelo convite soprado no vento.

A travessia e aos que nos atravessam, por abrir os caminhos e dar as mãos.

As onças, que possamos nos reconhecer e ser livres.

Inspirações de Vestígios

AMORIM, Clara. **Canção para fazer o sol nascer**. Belo Horizonte: Ed. Da Autora, 2022.

BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BRANCO, Ângela Castelo. **À escrita: um outro se arrisca em ti.** Tese (Doutorado em Literatura Comparada e Teoria da Literatura) — Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Instituto de Artes, São Paulo, 2018

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2021.

FELIX, Nelson. **Trilogias**. Organização Gloria Ferreira. – Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2005.

FLUSSER, Vilém. **A escrita – Há futuro para a escrita?** – São Paulo: Annablume, 2010.

GAGNEBIN, M. Jeanne. **Lembrar, escrever, esquecer**. – São Paulo, Editora 34, 2006.

HARJES, Stefanie. **Meu Kafka, Franz Kafka**. São Paulo, Cosac Naify, 2013.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

LINSPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ORDINE, Nuccio. **A Utilidade do inútil: um manifesto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PANADÉS, G.Julia. **Ela, a criação. Também em Clarice Linspector e Louise Borgeois**. Tese (Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

KAMENSZAIN, Tamara. **O eco da minha mãe.** Tradução: Paloma Vidal. Editora 7 Letras. https://iedamagri.files.wordpress.com/2019/07/kamenszain-tamara.-o-eco-da-minha-macc83e.pdf

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Estive com minha mãe na morte duas vezes
e nessas datas
o que mas posso dizer?
Diga o que disser
no presente me sinto livre
e acho até que de repente
...quem sabe...
Amanhã começarei a escrever um romance
Tamara Kamenszain

Andrea

Deu-me de presente uma foto posada em estúdio. Disse: "pronto, guarda". Parecia querer ritualizar o encontro. Cabelo curto, moreno loiro, sobrancelha fina delineada, olhos castanhos levemente arqueados, sonhadores, perdidos para o alto. Na imagem, um conjunto de brincos e colar de contas esverdeadas combinando com a blusa larga, em alfaiataria, também em tons de verde e grandes desenhos de flor nas cores rosa e laranja. Corrente fina de ouro adornando o pescoço e muitos anéis, apesar da foto em enquadramento 3X4.

Apoio o seu retrato luxuoso embrulhado em dourado ao lado dos três budas e dos bules de Marrocos. Mora também uma vela e uma foto dos meus, para que os guarde. Gosto de te lembrar assim, antes da queda e do câncer. Antes da bolsa de colostomia e dos cabelos brancos, da sonda e do cheiro podre.

As unhas compridas vermelhas, mantenho hoje.

Nossas onças, Vó. Estão livres.